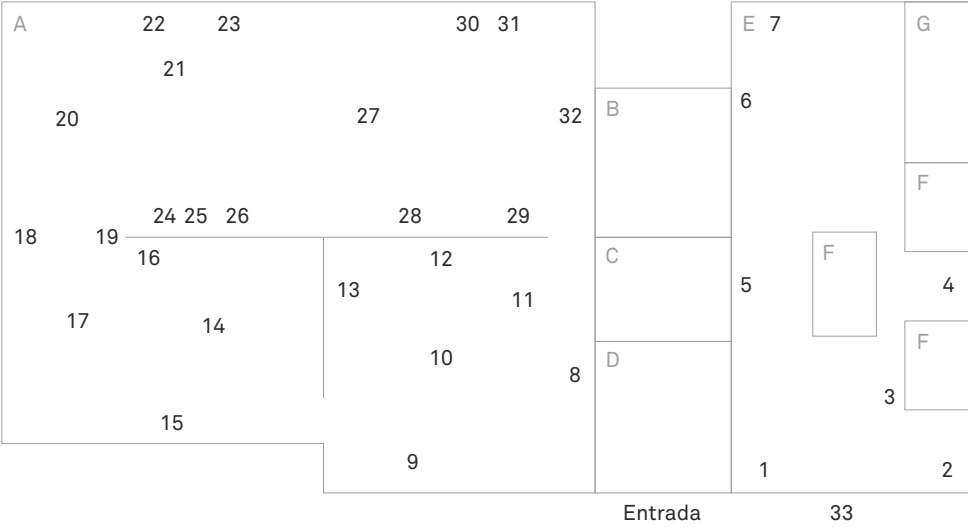




HORÁRIO
Seg–Sex 09:00–17:30
Encerrado ao fim de semana
e feriados nacionais
Entrada gratuita

ACESSO À BIBLIOTECA PRIVADA
ALBERTO CARNEIRO
A consulta de livros e documentos deverá ser
feita exclusivamente no local;
Solicitação prévia por e-mail ou telefone
(24 horas de antecedência).

SERVIÇOS EDUCATIVOS
Visitas guiadas e oficinas por marcação
prévia através de e-mail.

CONTACTOS
252 830 410 (Ext. 175 a 179)
museus@cm-stirso.pt
Avenida da Fábrica Santo Tirso 88,
4780-257 Santo Tirso

OBRAS

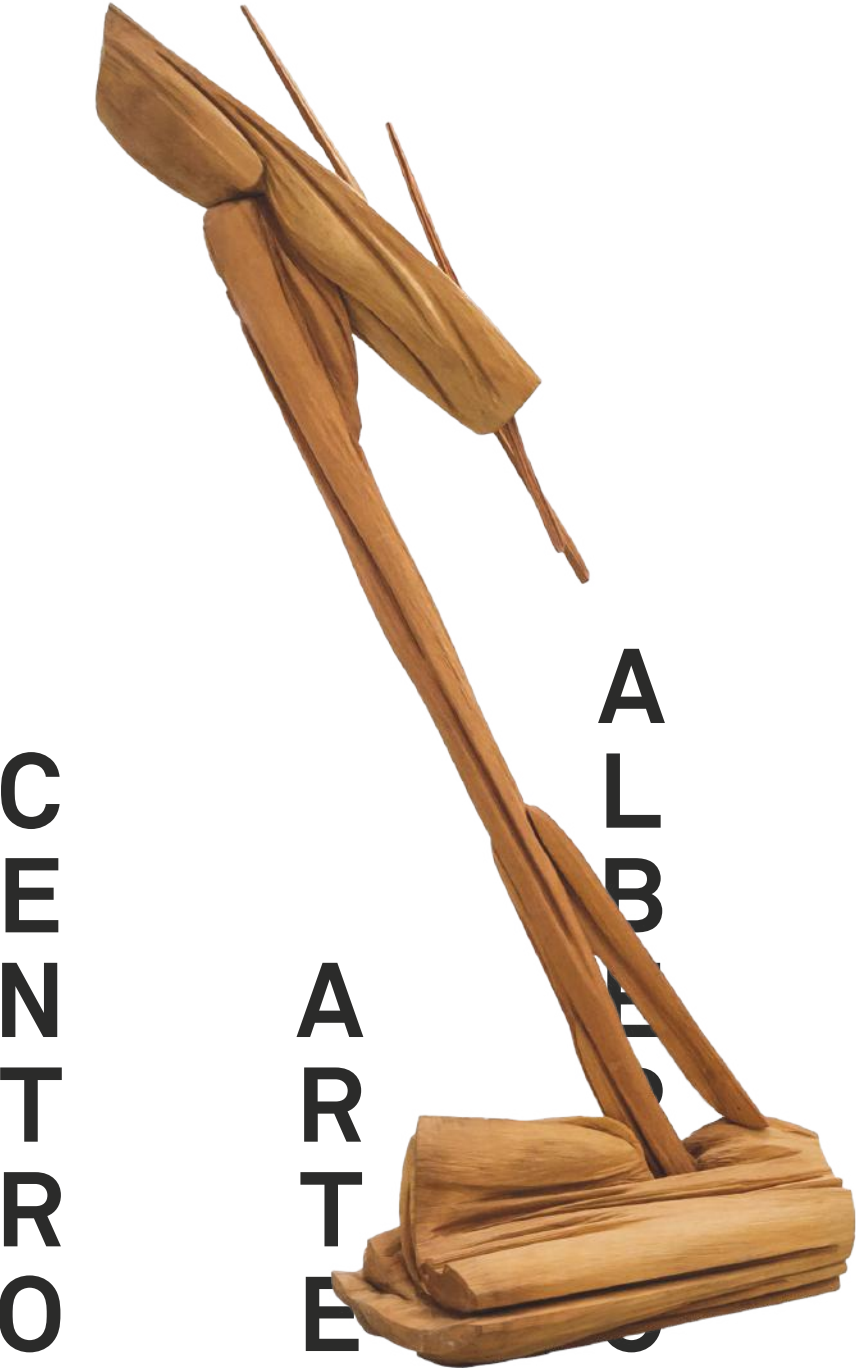
1. Desenho/Projecto para intervenção na paisagem, 1974
2. Sobre a água, 2007-2015
3. Desenhos/Projecto para intervenção na paisagem, 1974
4. Desenhos de Londres, 1968
5. Desenhos Sem título, 2015
6. Desenhos Raízes, caules, folhas, flores e frutos, 1965 / 1966
7. O voo do homem, 1966
8. Desenhos O Outono no meu jardim, 2015
9. Entre o sorriso e o vento, 1966-1967
10. Metáforas da água ou as naus a haver por mares nunca de antes navegados, 1993-1994
11. Sobre um haiku de Bashô escrito em Ise, 1995-2003
12. Sobre as flores do meu jardim, 2000-2002
13. Desenhos Sem título, 2015
14. Ainda a memória do corpo sobre a terra, 1987-1988
15. Desenhos Sem título, 2015
16. Desenho Sobre o meu jardim, 2014
17. Sobre o tempo, 1993-1998
18. Desenhos Paisagens com nuvens / Paisagens com árvores, 2014
19. Desenhos Paisagens com árvores e nuvens, 2014
20. Meu corpo terra, 2002-2004
21. A terra com uma imagem do teu ser imaginante, 2011-2013
22. Desenho Sobre o meu jardim, 2014
23. Desenhos Sem título, 2015

24. Desenho Glicínias e outras flores no esplendor do meu jardim, 2014
25. Desenho Rosas e outras flores no esplendor do meu jardim, 2014
26. Desenhos Sobre o meu jardim, 2014
27. A Oriente na floresta de Ise Shima, 2015
28. Desenho Sem título, 2015
29. Desenhos Sem título, 2015
30. Desenho Sobre o meu jardim, 2014
31. Desenho Paisagem com árvores, arbustos e nuvens segundo um haiku de Bashô, 2014
32. Desenhos Sobre o meu jardim, 2013
33. O voo da criança que nasce, 1965

ÁREAS

- A. Área Expositiva
- B. Área Técnica
- C. Sanitários
- D. Recepção / Loja
- E. Biblioteca / Serviços Educativos / Auditório
- F. Área Administrativa
- G. Reservas

Coleção permanente do
Centro de Arte Alberto Carneiro



A Câmara Municipal de Santo Tirso no exercício público das suas funções e no curso de uma longa relação profissional com o artista Alberto Carneiro, nascido em São Mamede do Coronado, em 1937, inaugura a atividade do Centro de Arte Alberto Carneiro com a primeira exposição da coleção permanente, doada pelo escultor em 2015. Para além da coleção, o CAAC apresentará regularmente exposições temporárias e projetos de pesquisa e educação que irradiam a partir do legado teórico-prático do artista e da sua biblioteca pessoal para toda a comunidade envolvente e outra especializada no estudo dos temas principais da nossa atualidade.

Fomenta-se a ampla receção e fruição estética das obras, a pesquisa teórico-prática e as ações experimentais, partindo das ideias, conceitos e proposições artísticas do artista. Trata-se de perceber e fazer reverberar a ação estética pela perceção das coisas simples da natureza, numa proximidade com a terra, através de relações entre corpo e matéria. Aí reside um aspeto essencial para um entendimento do sentido cósmico e ritualístico da arte ecológica de Alberto Carneiro, que o apresentou ao longo de meio século pela prática do desenho, de ações e situações no terreno e em diversos escritos como *Notas para um manifesto de uma arte ecológica* de 1973, com início em 1966/68, época que influenciou todo o percurso posterior. É daí que nos fala Alberto Carneiro e vislumbramos começar a ver e a pensar o vasto conjunto da sua obra, hoje internacionalmente disseminada.

Capa
Ainda a memória do corpo sobre a terra, 1987-1988



Ainda a memória do corpo sobre a terra, 1987-1988

Estamos diante de sessenta esculturas e desenhos de Alberto Carneiro. Trata-se de uma constelação matérica, produzida ao longo de meio século, entre 1965 e 2015, que inclui os últimos desenhos do autor.

Através desta constelação podemos aceder ao universo movente, artístico e filosófico, numa estreita relação entre a perceção da natureza e o corpo, que as obras de arte corporificam.

Assim, esta exposição é agora um lugar privilegiado porque promove esta conexão, que parte de um conceito de natureza - cuja fusão vegetal e mineral dá origem a uma conceção de arte que opera ritos de passagem entre uma primeira e uma segunda natureza. Esses ritos estão amparados por ações que se transformam em arte e fruição estética, ampliando um envolvimento e uma perceção cósmica a que Alberto Carneiro deu voz. É desta relação que nascerá a noção de corpo *subtil*, em harmonia com as coisas simples e em sintonia com a natureza compreendida na sua existência elementar. Daí vem a importância crucial dos quatro elementos da natureza para a obra de Carneiro.

Ao se remeter a esta harmoniosa simplicidade é possível aceder ao fluxo que emana através da arte, aquela que depois de uma árvore secar faz encontrar outros corpos através dos quais flui para novas vidas.

Perguntaremos, de que corpo e de que natureza se trata? Do corpo do artista, do visitante da exposição? Certamente eles se interligam por um terceiro corpo que é o corpo das obras, sejam eles esculpidos em madeira ou bronze, desenhados a grafite ou a esferográfica. E o que os interliga? Aquilo que Alberto Carneiro chamou de “simbiose estética”, um conceito explorado pela emancipação da diferença. É a diferença o que os une no processo simbiótico e isso ocorre até entre espécies diferentes. A simbiose é sempre um terceiro elemento, aquele ainda não pensado, ainda não objetivado, nascido, mas não criado. Trata-se de uma poética do corpo e da matéria no espaço-para citar aqui a inspiração romântica e Gaston Bachelard, um marco teórico de Alberto Carneiro.

Trata-se por isso de um projeto experimental que dá lugar ao incalculado, ao ainda não pensado. Assim, podemos observar os desenhos de Alberto Carneiro como desenhos de projeto, especialmente aqueles que não antecedem a escultura, mas percebem-na como um conjunto mais efêmero em campo aberto. Esses desenhos delineiam uma escultura mais incorpórea com remissão ao futuro etéreo de todos os corpos e de toda a matéria, e estão entregues à pura expressão dos seus fluxos. Isto é especialmente visível nos últimos desenhos do autor. Eles são os elementos sensíveis da relação mais desinteressada com a natureza: a entrega a uma livre existência conformada à transitoriedade da natureza.

E, se para Marcel Duchamp a “osmose estética” (1965) interligava a expressão da obra não intencionada pelo artista à sua receção estética, para Alberto Carneiro a experiência estética funde-se justamente na diferença de todo o impensado, na diferença como um elemento natural, incorporada por uma outra natureza, artística, que se expande junto com a primeira. É assim que compreendemos a arte ecológica de Alberto Carneiro, em seu sentido ético transposto numa sensibilidade embebida pela natureza.

A arte, enquanto segunda natureza, considera os fenómenos numa perceção consciente e sensível que é consonante com os ventos, as marés, os ciclos da água, as florestas, a vida e a morte da natureza e, sobretudo, a sua permanente transformação. Alberto Carneiro nunca cortou uma árvore para fazer uma obra, mas, ao contrário, a sua motivação artística partiu das árvores secas, na tentativa de fazer durar a vida pelo trabalho escultórico que percebe e persegue a reação da seiva interrompida à procura de um novo curso.

Se a simbiose é um fenómeno que ocorre pela conjugação de pelo menos dois organismos de espécies diferentes, a simbiose estética exprime-se por uma diferença através de vivências operadas enquanto agentes sensíveis e perceptíveis. O que isso significa? Que a experiência estética será a marca de uma diferença transformadora no sentido de uma fusão com a natureza.

As obras escultóricas aqui expostas são compostas por madeira, vidro, ferro e bronze, mas estão diretamente conectadas com aquelas outras compostas por canas de milho, feno, vimes e ráfia, elementos provenientes da experiência rural na origem da qual encontraremos as raízes de toda a obra de Alberto Carneiro.

Foi através da sua proximidade ao cultivo da terra que o artista percebeu o lugar de onde nunca saiu, embora tivesse de sair dele para o saber: o jardim da casa materna. Esse jardim foi o atelier da sua infância e o seu último fulgor criativo.

A terra que o fez nascer e crescer é ainda aquela que o tornou um ser semelhante a uma árvore que incorpora o ambiente em que vive para ele contribuir numa reciprocidade simbiótica que absorve e clarifica todo o ser vivo como ser coletivo.

Deixemos reverberar ainda aqui um eco do pensamento de Carneiro que diz: “as palavras tecem ainda outros significados, mas quando digo corpo quero significar cosmos” (1982). A obra pode testemunhá-lo, assim como nós.